

O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO, COMUNICAÇÃO HUMANA E ESTADO

*CASAGRANDE, Magnos Cassiano*¹

*PERUZZOLO, Adair Caetano*²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão teórica acerca das relações entre violência, meios de comunicação, comunicação humana e Estado ao revisitar o pensamento de autores como Adair Peruzzolo, Muniz Sodré, Hannah Arendt e Michel Maffesoli. Considera-se que a violência ocorre no ajustamento cultural das relações humanas, tem bases também na animalidade e faz parte da existência humana. Devido a isso, o fenômeno deve ser questionado, regido e conhecido. A violência está integrada à lógica midiática, portanto, a sua interpretação está sujeita a receber influências e ser dramatizada.

Palavras-Chave: Violência. Comunicação. Estado. Linguagem. Meios de Comunicação

Abstract: The present study aims to conduct a theoretical reflection about the relation among violence, the media, human communication and state revisiting the thought of authors like Adair Peruzzolo, Muniz Sodré, Hannah Arendt e Michel Maffesoli. It is considered that violence occurs in the cultural adjustment of human relations. Because of this, the phenomenon should be questioned, governed and known. Violence is integrated into media logic Therefore their interpretation is subjected to receive influences and be dramatized.

Key-Words: Violence. Communication. State. Language. The Media

Não se pretende, aqui, ser determinista em relação à questão da violência. Ao contrário, tenta-se trazer pensamentos que, em algum ponto, sejam convergentes e que possam gerar uma discussão alinhada sobre o fenômeno, pelo fato de existir muita dificuldade quando se propõe conceituar a violência. Como afirma Maffesoli (1987: 13), “A violência (...) tem como característica o fato de que pretender propor uma nova análise teórica sobre ela é muito complicado. Pode-se, no máximo, atualizar o que as diversas ciências do homem disseram e redisseram de várias maneiras”. O autor ainda ressalta o caráter plural do fenômeno, sendo impossível analisá-lo através de um único viés.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática - Linha: Estratégias Comunicacionais – UFSM. magnoscassiano@yahoo.com.br

2 Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pós-Doutor pela Universidad Autonoma de Barcelona. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. acperuzzolo@gmail.com

Já para Diógenes (2008), além de analisar e identificar como a violência acontece, deve-se estar atento à rede de significados produzidos e reproduzidos, a qual faz parte da construção cultural da sociedade, uma vez que, como trata Peruzzolo (1990: 95), “A violência do homem não está na sua natureza, está no ajustamento cultural, que se dá na ordem da cultura, de certas relações de ordem conflitual”. Porém, o autor não quer dizer que a violência é algo externo ao homem, ela “é da ordem interior do mundo humano”.

Assim sendo, o estudioso considera que a violência é um fenômeno cultural. No entanto, não é total e absolutamente cultural, tendo em vista que ela tem as suas bases também na animalidade, a qual faz surgir a agressividade.

O termo violência possui origem latina, haja vista que a palavra *violentia* é oriunda do verbo *volare*, que significa violentar, transgredir e faz referência ao termo *vis*: empregar força física em intensidade, potência, qualidade, essência. Já para os greco-romanos, violência significa violar o equilíbrio natural pelo uso da potência. Juridicamente, o termo está relacionado à coação. Michuad (1999: 11) apresenta a seguinte visão sobre violência:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira, direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos há uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Arendt (1994) escreve que, no início do século XX, Georges Sorel constatou que os problemas relacionados à violência continuavam sem muitas explicações precisas e afirma que isso prosseguia na década de 1960³. Estando já na segunda década do século XXI, percebe-se evolução na pesquisa do fenômeno e o interesse das mais variadas áreas do conhecimento humano. Porém, o fenômeno ainda possui desdobramentos obscuros que precisam ser mais bem esclarecidos.

Dessa forma, o presente trabalho tem seu olhar voltado para uma reflexão sobre alguns desses desdobramentos, ao procurar entender a relação entre violência e comunicação humana; entre violência, Estado e poder; entre violência, indivíduo e grupo social. O entendimento dos referidos desdobramentos é de fundamental importância para a compreensão da relação entre meios de comunicação e violência. Relação que, como afirma Sodré (2002: 37), “está na forma como o sistema avançado de comunicação se articula com as condições reais de vida da população”.

A violência constitui-se como um dos grandes problemas enfrentados pela sociedade contemporânea. Devido a isso, a sua essência, as suas razões, as suas consequências e as suas implicações merecem e necessitam ser estudadas.

3 Década em que escreveu o livro *On Violence* traduzido para o português como “Sobre a Violência”, utilizado neste trabalho.

Considerações sobre a violência

O ser humano conforma-se através de suas relações com os demais indivíduos. Por natureza, é um ser social que necessita do encontro com o outro para sobreviver. Essa busca pela sobrevivência, a busca pelo espaço próprio e pela constituição da individualidade não é completamente harmônica, ao contrário, pode ocorrer através de conflitos, destruição, agressividade e violência.

Pode-se afirmar que a violência é um fenômeno vivido pela humanidade que merece análises. Arendt (1994: 16) atenta para o fato de que um pesquisador, dedicado a pensar a história e a política, não pode “permanecer alheio ao papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos”. Dentre os comunicólogos, a violência merece a mesma atenção, especialmente, pela ênfase dada pelos meios de comunicação, pelo modo como é representada, pela tendência a cativar o espectador e por estar intrinsecamente ligada ao modo como um indivíduo relaciona-se com os demais.

A violência aparenta ser algo vivido pelo homem desde o início de sua existência, porém, a preocupação com o fenômeno e o seu estudo são bem mais recentes, como apresenta Peruzzolo (1990: 85): “As lendas e a mitologia mostram que a violência é tão antiga quanto o próprio homem. Todavia ela aparece como problema, como questionamento, como algo a ser regido e conhecido pelo homem só muito recentemente, no século XIX”.

De acordo com Maffesoli (1987: 13), “é necessário constatar antes de tudo que as carnificinas, os massacres, os genocídios, o barulho e a fúria, ou seja, a violência em suas diversas modulações é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional”. É uma estrutura sempre presente no fenômeno da vivência humana e, dessa forma, o sociólogo constata que a violência faz parte da existência humana e que é necessário aprender a conviver com a sua presença.

Volens nolens⁴ a violência sempre está presente; antes de condená-la de uma maneira rápida demais, ou ainda, negar sua existência, é melhor ver de que maneira pode-se negociar com ela. É a partir de um princípio de realidade desse que é possível apreciar a qualidade de equilíbrio maior ou menor que caracteriza cada sociedade... Consciente da onipresença da violência, da sua conformidade com o fato social, é preciso negociar, ser astuto, ‘amansá-la’, socializá-la. (MAFFESOLI, 1987: 14-18)

Pensamento semelhante é apresentado por Peruzzolo (1990: 100): “Parece ser, não o que nos resta, porque nada tivemos antes, mas a entrada que se insinua na complexidade humana. Tudo o que precisamos é de entradas: a violência está no interior do humano”. Para aprender a conviver com a violência é preciso agarrar-se na força da comunidade, da solidariedade e da organização natural da sociedade.

4 Expressão latina que significa “querendo ou não querendo”.

Peruzzolo (1990) afirma ainda que os obstáculos que impedem a construção de tais laços e atividades devem ser eliminados.

O fenômeno da violência assume um caráter propositivo variado e chama atenção pela forte presença na sociedade. A questão da violência implica sempre uma vontade interna de querer e fazer as coisas, assim sendo, em conformidade como Peruzzolo (1990: 85), a violência implica uma força e “sempre foi objeto de desejo, mas também de barreiras”. Apesar de se organizarem de maneiras culturais diferentes, as sociedades humanas sempre tiveram como objetivo controlar o eu interno, a sua força e as condições geradoras de desvios. Tal necessidade de controle confirma-se, principalmente por existir, conforme Arendt (1994: 33), “um instinto de dominação e de uma agressividade inatos ao animal humano”. Esse instinto, inato ao animal humano, é visto por Peruzzolo como forças que protegem o viver do indivíduo. No animal, a violência faz parte do biológico, do código genético, enquanto que no homem, ela está na esfera cultural do indivíduo e da sociedade.

A força, para Arendt (1994: 37), não deve ser empregada como sinônimo de violência, mas deve ser vista como “a energia liberada por movimentos físicos e sociais”. A autora faz a sua obra tornar-se peculiar ao propor uma diferenciação entre poder, vigor, violência, autoridade e força (já conceituada). Autoridade, poder e violência podem agir de forma combinada, embora elas sejam geralmente consideradas sinônimos por se relacionarem a dominação do homem pelo homem.

Para Arendt (1994: 37), a violência diferencia-se dos demais termos por possuir um caráter instrumental. Os instrumentos da violência serviriam para aumentar o vigor natural ou até substituí-lo. Neste caso, o vigor é considerado algo individual, uma propriedade exclusiva de cada indivíduo. Já a autoridade, seria “o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias”.

Por fim, tem-se o poder. O poder “nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido”, ele necessita do consenso e da ação conjunta do ser humano para seguir um curso de ação comum. De acordo com a autora, a violência, especialmente a totalitária e a política⁵, nunca terá um caráter legítimo, mesmo sendo justificável. Quem realmente necessita de legitimidade é o poder, contudo, o poder não pode ser constituído pela violência, uma vez que esta é responsável pela paralisação e aniquilação daquele. Devido a isso, Hannah Arendt considera que violência e poder são termos opostos, sendo que, onde um reina de forma absoluta, tem-se a ausência do outro.

5 As discussões sobre totalitarismo e política são temas centrais nas obras de Hannah Arendt.

Modalidades de violência

Em virtude de assumir um caráter propositivo variado existem diferentes modalidades de violência, ou modulações, como prefere o sociólogo francês Michel Maffesoli. De acordo com Sodré (2002: 12), a primeira é a violência anômica⁶, dotada de crueldade e está cada vez mais perceptível no cotidiano da sociedade. A segunda é a violência representada, alimentada especialmente pelo jornalismo, “que tende a visibilizar publicamente a agressão recorrente na vida cotidiana”, e pela indústria do entretenimento, que explora a questão em filmes, programas televisivos em busca de uma maior audiência. A terceira é a violência sociocultural, composta, por exemplo, pela violência racial e contra homossexuais. Já a quarta é a violência sociopolítica, constituída, geralmente, pela repressão imposta pelo Estado. Para Sodré (2002), tal modalidade inclui a violência anômica, originando, por exemplo, o etnocídio.

Já para Maffesoli (1987: 10), a primeira modulação é “a violência (...) dos poderes instituídos; a violência dos órgãos burocráticos, do Estado, do Serviço Público”. A segunda modulação é a violência anômica (assaltos, agressões, homicídios). Ao passo que a terceira é a violência banal, “que está ativa na paixão social ou naquilo que chamo a resistência da massa (grifos do autor)”.

Não se pretende, aqui, discutir a distinção realizada pelos autores, que em muito se assemelham. Mas, o que se almeja é dar atenção especial a duas destas modalidades: a violência relacionada ao Estado e aquela vinculada aos meios de comunicação.

Abre-se um espaço para breve descrição sobre a violência simbólica, a qual perpassa modulações ou modalidades anteriormente referidas, como a violência do Estado, a violência representada e a sociocultural. O conceito de violência simbólica, aqui apresentado, está baseado no pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu que, em conjunto com Jean-Claude Passeron, define-o como “violência insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (1975: 7-8). Os autores afirmam existir certo desconhecimento ou aceitação da situação por parte das vítimas, pois elas não se reconhecem como vítimas, como seres oprimidos que são dominados por outros indivíduos, outras instituições.

A violência simbólica não ocorre através de atos, da coação, mas pelo processo de submissão por parte dos dominados através do pensamento, das ideias e dos ideais assumidos pelos dominantes. Como afirma Fernández (2005: 14-15), a

⁶ Sodré (2002) considera a violência anômica ou violência visível como uma segunda perspectiva no que se refere ao uso da palavra “violência”. A violência anômica é “entendida como a ruptura, pela força desordenada e explosiva da ordem jurídico-social, e que pode eventualmente dar lugar à delinquência, à marginalidade ou aos muitos ilegalismos coibíveis pelo poder do Estado. Inscreve-se neste campo o ato da violência, em que implicam os crimes de morte, os assaltos, os massacres e outras variantes. Ao contrário do estado de violência, o ato comporta resposta, entrando portanto na dimensão da luta, que integra a dinâmica de toda estruturação social” (p.16). A primeira perspectiva apresentada por Muniz Sodré refere-se à primeira modulação de Michel Maffesoli.

violência simbólica se “*ejerce sin coacción física a través de las diferentes formas simbólicas que configuran las mentes y dan sentido a la acción. La raíz de la violencia simbólica se halla en el hecho de que los dominados se piensen a sí mismos con las categorías de los dominantes*”⁷. Ocorre um processo de naturalização desta situação, possibilitada pela ação de instituições sociais, religiosas, midiáticas e o Estado. O problema perpassa também o lado dos dominantes, os quais precisam afirmar e constituir a sua posição sob o risco de se tornarem dominados.

Estado e Violência

É importante observar sempre com muito cuidado a relação entre Estado e violência, principalmente no que se refere ao controle e à contenção desta pelo primeiro. Como apresenta Sodré (2002), potências europeias fizeram uso de modo abusivo da violência na época em que possuíam colônias no continente americano e africano empregando guerras, massacres e escravidão. Após obterem recursos econômicos necessários para o desenvolvimento industrial é que começa a contenção e a disciplinarização de atos violentos pelo Estado moderno. O Estado tratou de afirmar que exerce a violência de maneira legítima, o que é totalmente refutado por Hannah Arendt, conforme registro anterior. Sodré (2002: 28) constata, no entanto que:

o monopólio jurídico da violência pelo Estado e a disseminação das ideologias de disciplina e autocontrole não contêm por inteiro a eclosão da violência em seus variados aspectos. De um lado, os atos agressivos tendem a se concentrar e a se potencializar nas esferas da social à margem do absoluto controle estatal. De outro, o conceito de violência social, que inclui a latência ou o fenômeno enquanto ‘estado’, chama a atenção para formas modernas e sutis de violência, quando uma certa sociologia (às vezes, sociobiologia) insiste em limitá-la conceitualmente ao campo da agressão (física ou verbal), entendida como reação instintiva dos animais em determinadas situações.

Segundo Peruzzolo (1990: 89), a diferenciação proposta por Hannah Arendt entre poder e violência pode ser válida. Porém, para o autor, no que tange ao poder do Estado, eles não estão desvinculados, mas engendrados um no outro: “importa lembrar que a história do estado identifica-se com o exercício do poder violento. Não foi ele, o Estado, que institui a violência, foi ela que o engendrou, e agora ele distribui o poder de gozá-la a classes, a algumas classes como lhe apraz”. Hannah

⁷ Tradução para a língua portuguesa: “A raiz da violência simbólica reside no fato de que os dominados se constituem a si mesmos através das categorias dos dominantes”.

Arendt admite que poder e violência, frequentemente, aparecem juntos, contudo, o que possui e detém prevalência sobre o outro é o poder.

Sodré (2002: 31) ressalta que, nos espaços comunitários que surge a possibilidade de controle da violência, “exatamente por sua capacidade de acionar os mecanismos simbólicos e os valores de ordenamento social que presidem à interdependência dos indivíduos”, mesmo sabendo que, são nesses espaços, a violência e a agressão são mais claras, devido à intensa necessidade de relacionamento interpessoal. É na capacidade simbólica do homem que está a força desse controle.

A busca pelo espaço individual talvez seja um dos motivos dessa violência que pode ser observada, muitas vezes, de forma bem explícita. Diógenes (2008: 59), em uma análise realizada com dezenas de gangues da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, constata que “a violência pulsa e se produz ali no cotidiano da casa e da família”. Ao estabelecer esta base amplia-se e ramifica-se “para além de seus muros”.

No que se refere à liberdade do indivíduo e ao pressuposto da igualdade de direitos e deveres, Peruzzolo (1990) alerta que eles servem para trazer segurança para a sociedade. A liberdade desenfreada e o exercício de determinados direitos e deveres de maneira equivocada já se apresentaram em forma de verdadeiras mazelas sociais, como o fascismo, o nazismo e a segregação racial em países africanos.

A constatação feita por Muniz Sodré de que a convivência entre as grandes redes de tráfico de drogas, os tecnoburocratas da modernização e a miséria das populações é estruturalmente violenta justifica-se, pois são eles os principais responsáveis por manterem tais populações na referida condição. A violência⁸, nessas comunidades que estão à margem do sistema, surge como última possibilidade de ação.

Para Sodré (2002: 8), a violência tem gerado um campo intelectual que não deve ser gerido, exclusivamente pelo Estado, mas por uma sociedade global solidária. De acordo com o autor

Tem ficado mais do que evidente que não se trata de uma questão a ser deixada aos cuidados exclusivos do grande detentor do monopólio legal da violência (o Estado), pois este – com suas estruturas de omissão, impunidade, corrupção e violações das regras comezinhas de cidadania – é o maior responsável pela disseminação da insegurança e do medo.

O campo intelectual da violência possui uma especificidade importante e que pode ter uma atuação mais consistente do que a atuação do Estado, o “implícito apelo ético-político no sentido da participação da sociedade global no

8 Sodré (2002, p.66) considera que é através do descompasso interno da comunidade marginalizada e “em face da realidade material e simbólica da cidade moderna” é que “emerge a violência anômica (agressões, assaltos, homicídios)”. Ela seria uma contra-linguagem instaurada pela ausência de regras advindas das “instituições civis hegemônicas na sociedade global”.

encaminhamento das discussões e na proposição de saídas” (SODRÉ, 2002: 8).

Percebe-se que a atuação do Estado é muitas vezes falha. Assim sendo, é possível pensar que a violência seria mais bem controlada pela ação comunitária e solidária dos indivíduos, vendo o Estado⁹ como uma importante instituição de apoio.

Violência x Pobreza

Este breve estudo adota um pensamento que desvincula a pobreza e a exclusão social como fontes determinantes da violência e, como corolário, a violência como geradora de pobreza e exclusão social. Tal pensamento é adotado por autores como Muniz Sodré¹⁰ e Adair Caetano Peruzzolo. Em consonância com Sodré (2002: 102)

Não é de fato a pobreza uma determinante mecânica dos ilegalismos, pois em primeiro plano aparece como grande indutora a violência da própria ordem social, que transparece na militarização tecnologicizada da produção, no superpolicimento das populações pela classe militar, no desequilíbrio estrutural tanto na esfera ético-política como na do consumo, exacerbando no nível dos signos sociais e dos meios de comunicação. Favorece-se, assim, toda uma fantasmática de violência junto a grupos marginalizados ou periféricos, aos quais a ordem tecnoburocrática é decididamente indiferente.

Segundo Peruzzolo (1990: 99), atrelar a pobreza e seus aspectos à violência pode trazer consequências no mínimo desagradáveis. A pobreza não pode ser acusada de ter uma condição criminogênica, ser pobre não é sinônimo de ser criminoso, ser violento; a favela não é um mundo inferior e as pessoas que nela residem são iguais as que vivem em luxuosos apartamentos. A violência está tanto na sociedade pobre quanto na sociedade rica.

A favela, a pobreza, a incultura, a falta de saúde, a prole numerosa, a mobilidade social horizontal, não são em si espaços criminogênicos, onde grassa a violência propriamente dita. Antes são espaços de padrões culturais que reagem agressivamente, em grande parte, no sentido de sobrevivência, às adversidades das condições de vida como a projetam...

⁹ Desde que o mesmo não tenha o objetivo de controlar a violência através da violência, pois, como afirma Arendt (1994, p.58), “A prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento”.

¹⁰ Muniz Sodré, em sua obra “Sociedade, Mídia e Violência”, faz referência ao sociólogo Edmundo Campos Pereira que, ao estudar criminalidade em áreas metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, constata que crise econômica, pobreza e desemprego não são fatores determinantes da violência. A Justiça melhor administrada seria o principal determinante no controle do problema.

Desse modo, a violência está atrelada a não mediação adequada das leis e ordenamentos sociais entre os indivíduos, assim como a desequilíbrios éticos, políticos, consumistas e também discursivos, às ações do Estado que não geram credibilidade, ao exercício da autoridade de modo falho e à descrença no processo de integração social.

Meios de comunicação, linguagem e violência

De princípio, deve-se considerar basicamente que a comunicação humana é essencialmente uma relação, a qual busca o outro para encontrar respostas a necessidades e desejos¹¹, em que o desejo e a necessidade do outro são fundamentais.

Para Peruzzolo (2006), é através da representação que a relação de comunicação é possível, ela define a qualidade da relação de comunicação e é através dela que ocorre a diferenciação entre o ser humano e o ser animal.

No nível da representação, eu me relaciono com linguagem que é o meio de comunicar; linguagem essa que organiza e representa aquilo que quero mostrar para chegar ao outro, mas que também constrói o outro como termo da relação de comunicação (PERUZZOLO, 2006: 45).

Tem-se, pois, que a representação é articulada pela linguagem, é através dela que se representa “todo um investimento afetivo, emocional, social ou intelectual” (PERUZZOLO, 2006: 65). Isso é decorrência da capacidade simbólica da qual a relação da comunicação humana é dotada. Neste ponto, cabe mencionar Ernest Cassirer, para o qual, o homem “já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico” (apud PERUZZOLO, 2006: 66). Interpretando Cassirer, Peruzzolo (2006: 66) destaca que o símbolo “abre o universo dos sentidos e significados à desordem, à instabilidade, ao descomedimento e à incerteza”. Assim sendo, como na relação simbólica, ocorre um afastamento amplo entre os comunicantes, ao símbolo é conferido “o caráter de arbitrariedade e, o de mediação”.

É na linguagem, segundo Paul Ricoeur, que a violência adquire o seu sentido.

E reciprocamente. A palavra, a discussão, a racionalidade adquirem, também elas, sua unidade de sentido, do fato de serem uma empresa de redução da violência. A violência que fala já é uma violência que procura ter razão; é uma violência que se coloca na órbita da razão e que já começa a se negar como violência. (apud PERUZZOLO, 1990: 97).

11 Tal pensamento sobre a comunicação é baseado na obra de Adair Caetano Peruzzolo – Comunicação como encontro.

Analisando o pensamento de Ricoeur, Peruzzolo constata que a violência constitui-se e ocorre como um problema cultural. Já na década de 1990, o autor atentava para a visibilidade demasiada recebida pela violência.

A violência da sociedade que somos, com seus extensos e intensos meios tecnológicos de comunicação, ampliando o alcance e a ação da linguagem, afirma um novo estado de consciência da violência. Mas um estado que é muito singularmente os modos de viver, que são os nossos que lemos, pensamos, discutimos, mas não são os daqueles dos quais falamos quando nomeamos e indicamos a violência. (...) nunca antes ela foi tão denominada, pensada e exibida a nu. Sempre teceu o pano de fundo universal das relações humanas, mas, visível, não tinha sido vista (PERUZZOLO, 1990: 97).

Rocha (2002: 8), por sua vez, preocupa-se com a constituição da linguagem da violência no que tange a sua relação com a simbiose media/sociedade ao afirmar que

Postular-se que a violência se constitui em linguagem significa compreendê-la como forma de ser, de se comunicar, de vivenciar, de aprender e interpretar o mundo. A linguagem da violência, nos termos da simbiose media/sociedade, sugere uma ruptura de 'laços', como se eles perdessem seu valor simbólico, sua função de integração e identidade reconhecida e partilhada.

Assim sendo, podem-se distinguir duas formas de relacionar entre violência e linguagem. A primeira é a violência entendida como linguagem, a maneira como ela manifesta-se e deve ser interpretada, bem como o que ela quer comunicar. A segunda forma é a linguagem utilizada pelas pessoas, pelos meios de comunicação quando tratam da violência. De acordo com o pensamento de Bourdieu, no campo da linguagem, a violência simbólica também é percebida, principalmente através da censura.

É preciso ter em mente que utilizar a violência para atingir determinado fim, para comunicar algo, para manifestar-se contrariamente a alguma situação enquadra-se na primeira forma de constituição da linguagem da violência. Nela, também, pode ocorrer a constituição de laços comunitários e integrados em busca de um mundo mais responsável e solidário, o que possibilitaria, de alguma forma, o controle ou a amenização da violência. O esporte, em diversas comunidades do Brasil, é um grande edificador desses laços.

No entanto, quando a televisão, os jornais, os filmes representam a violência ou abordam-na, tem-se a linguagem que é constituída pelos meios de comunicação

para tratar do assunto. Os meios de comunicação são os grandes responsáveis pela disseminação de informações e conteúdos dos mais variados temas. É inegável que temas, fenômenos, problemas que estão em evidência na sociedade chamem atenção da mídia, principalmente por ela ser considerada a grande responsável pela formação de opinião do público. Dessa forma, Sodré (2002: 9) considera que:

O aumento exponencial da violência, em todas as suas formas, (...) assim como o primado avassalador dos meios de comunicação sobre as formas de acesso de jovens e adultos às regras de relacionamento intersubjetivo no espaço social, coloca continuamente a mídia – senão, o tipo de organização social afim à mídia – no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência.

A violência possui uma importância muito grande para os meios de comunicação. Basta ler os jornais ou prestar atenção à programação televisiva, que se verá como a problemática está presente. Conforme Contrera (1999), o grande problema existente na relação entre mídia e violência está na linguagem utilizada pela primeira quando se refere à segunda, uma vez que a maneira como são representadas as situações de violência pela mídia é considerada violenta para a autora. Assim sendo, a capacidade de percepção, seleção e memória por parte dos indivíduos do fato noticiado pode ser afetada e, as ações da mídia podem prejudicar a competência simbólica e comunicativa do ser humano.

Contrera (1999: 17) preocupa-se ainda com a espetacularização, a dramatização desmedida da violência, a qual teria uma consequência totalmente negativa: “enquanto as mídias se ocupam em espetacularizar a violência, explicitando-a sob forma cada vez mais grotesca, calam sistematicamente sobre outras formas de violência, em realidade promovendo sua amplificação, formas mais sutis que engendram as primeiras”.

De acordo com Sodré (2002^a: .26),

a linguagem não é apenas designativa, mas principalmente produtora de realidade. A mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, apenas potencializadora ao modo de uma antropotécnica política – quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência humana – para requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado.

Portanto, a linguagem – no caso a da mídia – é capaz de interferir na construção de realidades sociais e na estruturação e reestruturação de percepções e cognições. A mesma linguagem que, por vezes, apenas serve para intensificar o medo da população, presta-se também para mascarar as verdadeiras causas da violência.

Modelos de sociabilização, meios de comunicação e violência

Muniz Sodré afirma existirem dois modelos de sociabilização, o midiaticizado e o de encadeamento. O modelo de encadeamento “se caracteriza por uma circulação sequencial dos efeitos na coletividade” (SODRÉ, 2002: 29). A circulação da violência pertence a este modelo, do mesmo modo que o rumor, a imitação e a epidemia. O modelo de encadeamento tido como o real tradicional “é gerador de uma sociabilidade popular ou epidêmica (*epidemos*: sobre o povo)”. Os contatos encadeados possibilitados pela multidão afetam todos os seus membros, todos estão expostos à ação do outro e devem partilhar regras comunitárias.

Já sobre o modelo midiaticizado, Sodré (2002) aponta que a utilização da expressão “irradiação a partir de um centro” é problemática e prefere adotar telerrealidade organizadora (ao invés de irradiação) e referir-se a “lugares” (ao invés de centros), os quais são “disseminados de absorção e transformação do fluxo histórico-dinâmico da vida social em projeções fantasiosas que, no entanto, fingem dar conta da realidade em sua máxima objetivação” (SODRÉ, 2002: 30). Os meios de comunicação, especialmente os modernos, são alguns desses lugares que parasitam o social. Porém, o autor esclarece que não são apenas eles. A influência da economia, da política, da educação, do modo como se edificam as cidades também fundamentam a mutação cultural vivenciada pela sociedade, que transforma comportamentos e atitudes e faz surgir “novas técnicas e novos modos de ser e de se comunicar”.

A telerrealidade organizadora, isto é, a midiaticização, resulta da mutação da natureza pela técnica¹², a qual:

Consiste, em resumo, numa vasta operação de prótese (telas, vídeos, máquinas inteligentes, automatizações, tecnoburocratismo) em cima do real tradicional, inclusive do próprio sujeito humano que começa a perder todas as velhas representações de unidade ou identidade (SODRÉ, 2002:31).

Assim, realizando-se o contraponto com a sociabilidade implicada no modelo de encadeamento que estaria ligada a multidão, ao indivíduo com identidade fixa, a do modelo de midiaticização, segundo o autor, está relacionada à “massa”, “metáfora explicativa de uma ontologia relacional precária”, ou seja, esfacelada na constituição de relações do ser humano.

É o modelo de encadeamento “que pressupõe uma realidade ‘verdadeira’, a ser representada, graças à vontade dos atores sociais, por mecanismos produtores de sentido, controlados por um sujeito consciente e uno, distinto do objeto” (SODRÉ,

12 De acordo com Sodré (2002, p. 31), já havia sido descrita por Martin Heidegger que a designou Gestell.

2002: 34). Política e saber tradicional¹³ são os principais mecanismos de representação desta realidade. No entanto, a este modelo também estão ligadas as hipóteses de alienação e manipulação, e frente a esses problemas, a violência surgiria, em conformidade com autor, como uma resposta da sociedade ainda dotada de autenticidade e valores.

A possível representação de realidades “verdadeiras” é totalmente prejudicada no modelo de mediação, laços intensos são desfeitos, praticamente igualam-se sujeito e objeto. “Em vez da troca simbólica, dá-se uma interatividade movida por simulacros, redes ou centrais de comutação, que provoca a autonomização das linguagens codificadas e dessubstancializa as referências clássicas do real” (SODRÉ, 2002: 34).

Muniz Sodré deixa claro que as teletecnologias, os modernos meios de comunicação, a informatização não servem à manipulação da realidade “verdadeira” supostamente existente no modelo do encadeamento. As referidas formas constituem outro modelo de socialização – o da mediação, regido pelo capitalismo. Assim sendo, tais formas são consideradas extáticas¹⁴,

porque funcionam como códigos capazes de se realizarem pela circulação pura e simples de seus efeitos, pela velocidade da passagem, tornando indiferentes os conteúdos, destituindo-os de qualquer referencialidade histórica no nível da energia da vontade ou da ação mobilizadora (SODRÉ, 2002: 35).

Isentam-se tais formas de agirem em prol da manipulação, mas se admite claramente a falta de substância política, histórica em sua constituição, as quais não seriam capazes de gerirem uma sociedade cheia de surpresas, com violência anômica, por exemplo.

Ao analisar a obra *A Era dos Extremos: o Breve Século XX* de Eric Hobsbawm, Costa (2002: 146) constata que o autor percebe uma realidade fundamentalmente violenta, caracterizada pelo sentimento de abandono dos indivíduos, originada pelo processo de globalização e pelas mudanças nas estruturas produtivas: “A partir daí ele enfatizou a tensão entre o processo de globalização e a incapacidade das estruturas produtivas, o Estado, e principalmente, do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a toda essa mudança brutal”.

Pensar os meios de comunicação como reprodutores de ideologias dominantes e como serviços do controle social pela lógica capitalista, mesmo sabendo que há um processo de espetacularização e que os meios influenciam na

13 Desde que seja situado como “fundo comum de conhecimentos assegurado por uma comunidade de iniciados (socialmente legitimados) e capacitados a outorgar identidades” (SODRÉ, 2002, p.34).

14 A utilização do termo formas extáticas, por Sodré, está baseada na feição do “êxtase” apresentada por Jean Baudrillard como “passagem ao estado puro, em sua forma pura, duma forma sem conteúdo e sem paixão” (BAUDRILLARD apud SODRÉ, 2002, p.35).

cultura e na educação, é para Sodré (2002: 36-37), apegar-se à superfície do fenômeno.

A superficialidade decorre do fato de que a mutação cultural profunda – a passagem de um modelo para outro – não é função da quantidade de informação ou da novidade inscrita nos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, e sim das alterações no modo de organização social nas relações que o sujeito mantém com o real. Tais alterações podem ser violentas. No caso do Brasil, a coexistência dos modelos de encadeamento e mediação gera uma fricção que assume características de violência institucional ou burocrática. Assim, a relação entre os meios de comunicação (em primeiro plano, a televisão e rede cibernética) e a violência social está na forma como o sistema avançado de comunicação se articula com as condições reais de vida da população.

A maneira como os indivíduos articulam-se com o real é afetada pelo modelo de mediação. Aproximam-se meios de comunicação e violência pela maneira como os primeiros tratam a situação real dos indivíduos. O autor afirma que existe uma diferença enorme entre o Brasil telereal e o Brasil encadeado, a qual é causada pelo modo como vem sendo conduzido o poder no país, gerador de desigualdades.

A mídia produz desejos, especialmente de consumo, na população que não possui a perspectiva de serem satisfeitos, isto “é gerador de frustrações reais, e, potencialmente de violência” (SODRÉ, 2002: 37). Segundo Almendra e Bairel (2007), o desejo de consumir e atingir um determinado status social, onde poucos enriquecem e muitos rumam à pauperização, é a grande responsável pela deflagração de atos violentos. O sentimento de injustiça e de não ter seus direitos protegidos fundamenta a base desses atos violentos.

De acordo com Sodré (2002: 55), o discurso da mídia está afinado com o do Estado, pois surgiu e cresceu com o seu aval. No entanto, é o Estado¹⁵ responsável pela modernização desigual, pela pobreza e pela exclusão. A retórica da mídia, que influencia a população, pode ser superada, pois a sociedade possui uma dinâmica heterogênea e dela extraem-se “estratégias de defesa cultural”. O problema está no modo como os elementos constituintes do sistema industrial financeiro (aparelhos de televisão, computadores, internet, e os mais variados bens de consumo),

(...) atestam o impulso modernizador do modelo ‘telereal’, mas de modo desarmônico e excludente, estruturalmente violento – devido a sua distância econômica e social, a telereação – em face do modelo de encadeamento. O grande problema é, assim, a

15 De acordo com Balandier (1997), o Estado é o responsável por reprimir a configuração violenta impregnada nas sociedades modernas, mas não consegue, o que amplia a visibilidade do fenômeno e a consciência de sua existência.

reprodução acelerada da pobreza pela chamada dinâmica natural do mercado e a ocultação disto pela mídia (SODRÉ, 2002: 55).

Percebe-se, assim, que a coexistência, e no caso a sobreposição do modelo midiático sobre o modelo de encadeamento, não é dotada de relações totalmente harmônicas, mas ao contrário, provoca desigualdades e constrói-se de maneira violenta.

Com o advento de meios de comunicação como a televisão e a sua alta abrangência sobre o território mundial, tudo passou a ser mais visível e mais comentado. Todo e qualquer fenômeno ou problema social é tomado pela mídia com a necessidade de ser apresentado. Freire e Carvalho (2008: 156) afirma que, nos dias de hoje, a mídia é “um dos mais importantes instrumentos sociais no sentido de produzir esquemas de interpretação do mundo. Os meios de comunicação nos indicam o que pensar, o que sentir, como agir”.

O fenômeno da violência é um componente da estrutura mercadológica da mídia. Sodré (2002: 98) considera-a “um excelente operador semiótico para hibridizações ficcionais entre a realidade e o imaginário”. Trata-se “de um espelhamento total, com vistas à conservação imaginária de si mesmo”.

Quadros (2001: 55) também atenta para a função econômica que a violência recebe nos meios de comunicação:

O espaço da violência, por exemplo, preenche o vazio preconizado pela falta de alternativas para se vencer a barreira da dificuldade socioeconômica (...). Brinca-se de ser violento para atrair a atenção dos outros. Encena-se a violência com grau de sublimação e êxtase.

Das duas principais funções atribuídas à mídia, educação e informação, perdem importância e relevância para uma terceira função, o entretenimento, o qual melhor encaixa-se nas necessidades econômicas dos conglomerados midiáticos. O mesmo pensamento é adotado por Freire e Carvalho (2008), para quem a violência é um produto lucrativo e a mídia estimula o seu consumo através do conteúdo representado.

A exibição da violência e da agressividade pela mídia assume por vezes um tom catastrófico, gerador de medo e de pânico, conforme aborda Sodré (2002: 97): “Sabemos que do ponto de vista dramático, a violência é um recurso de economia discursiva: o soco ou o tiro do herói no vilão poupa o espectador de longas pregações morais contra o mal”. Contemplar a violência nas telas, nas páginas, serviria também para aliviar o sentimento de medo vivido pela comunidade.

A exibição do fato violento, de modo dramático ou não, é uma tentativa, às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no cotidiano de hoje. O desastre, a agressão, a

monstruosidade teatralizados, discursivamente encenados funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever àquela representação específica a angústia generalizada em face da destrudo social (SODRÉ, 2002: 98).

O aumento da visibilidade da violência, de atos agressivos, de ações destrutivas contribui para o que Sodré (1990) chama estetização midiática da vida cotidiana que, aliada à hibridização entre realidade e imaginário presente da ficcionalidade, serve apenas para pregar um sentimento de inferioridade e impotência na sociedade. Sodré (2002: 92) constata que a ordem tecnoburocrática presente na Modernidade cria funções que são responsáveis pela crise que se vive em relação aos processos de interação com os outros indivíduos. “A publicidade e os meios de comunicação têm desempenhado um papel importante no quadro dessas funções estetizantes”. Existe uma violência implícita em todo esse processo, uma violência de “natureza tecnoburocrática”.

O modelo midiático causa ainda uma diminuição ou até ocultação pelo interesse e pela manutenção de laços comunitários, políticos, sociais, bem como de valores que são fundamentais para a constituição de uma sociedade mais justa e mais segura, pois esta sofre para compreender “os movimentos tecnologizados da tecnoburocracia” (SODRÉ, 2002: 95).

Sodré salienta também o modo dramático presente na exibição da violência pelos meios de comunicação. Ocorre uma exacerbação dos fatos o que gera, de certa maneira, uma sensação de pânico na sociedade.

Afim à estrutura mercadológica da mídia, a violência revela-se, desta maneira, um excelente operador semiótico para hibridizações ficcionais entre realidade e imaginário. (...) É desse modo que o aumento da visibilidade da destrudo e a crescente serialização dos eventos catastróficos (cataclismas, desastres, assaltos, homicídios, guerras) alimentam a estetização midiática da vida cotidiana, transformando o mundo num vasto teleteatro de acontecimentos sinistros (2002: 98)

Os meios de comunicação, seguidamente, apresentam os atos violentos e condenam-nos, pela sua brutalidade, agressividade e efeito maléfico na sociedade. Porém, esquecem que, ao apresentá-los de forma demasiada, geralmente através de formatos sensacionalistas, mostram como ocorre a prática do ato, como tal ato é realizado. Com o intuito claro de cativar a audiência, praticamente ensinam o público como agir de modo violento.

Faz-se necessário realizar a ressalva de que a violência, em especial a violência à sensibilidade dos indivíduos humanos, não é problemática exclusiva dos meios de comunicação, ela está na base das sociedades modernas e o mundo contemporâneo

procura cada vez mais revê-la, como afirma Contrera (1999:11). Deve-se ter em mente que a mídia constrói o seu próprio discurso acerca dos mais variados fenômenos sociais, assim sendo, ela é incapaz de oferecer o entendimento pleno da situação ou fato ocorrido. No entanto, a linguagem utilizada pela mídia, de acordo com a autora, implantou na sociedade uma “estética da violência muito mais cruel e sub-reptícia”. Quanto mais informações se recebe, mais incomunicáveis tende-se a ficar.

A violência é aproximada do indivíduo através do olhar midiático. A mídia parece ratificar a impotência do ser humano perante os fatos e seu respectivo sentimento de inferioridade, ao invés de promover o cultivo de bons valores e buscar a construção de sentidos positivos para a existência humana.

Apontamentos finais

É possível perceber, com a breve discussão realizada, que a violência é um fenômeno que merece grande atenção, é dotado de pluralidades e tem enorme relevância na modernidade. Desse modo, as análises sobre os aspectos da violência exigem cuidados redobrados.

Partiu-se do princípio básico de que comunicação entre os indivíduos é essencialmente uma relação. O ser humano, ao ultrapassar, ao avançar sobre o código genético da espécie, desenvolveu uma capacidade simbólica capaz de criar linguagens, de produzir efeitos, de dar sentidos diferentes às coisas. É através dessa capacidade simbólica que ocorre o rompimento de sua igualdade com os animais e é nela que a violência e a agressividade são expandidas para o campo cultural e perdem o seu sentido básico. Elas perdem a utilidade básica de serem responsáveis pela sobrevivência da espécie humana, ou seja, a sua condição de animalidade e passam, assim, a servir à desvalorização do outro, à desconsideração do lugar do outro na relação de comunicação.

A violência acompanha o homem em sua existência, faz-se necessário, pois, saber conviver com ela e entender que ela precisa de controle, o qual pode ser alcançado através da força comunitária e solidária dos indivíduos.

Como foi possível perceber ao longo da discussão, adota-se o pensamento que opta pela desvinculação entre violência e o baixo poder aquisitivo de determinados indivíduos. A violência circula de maneira semelhante entre comunidades ricas e pobres.

Procurou-se, além disso, afirmar que as teletecnologias, o desenvolvimento tecnológico e o processo informacional prejudicam a representação do real tradicional, verdadeiro, existente no modelo do encadeamento e não dão ao conteúdo representado a devida importância.

Pelo fato de constituir uma temática de grande importância, a violência recebe uma atenção especial dos meios de comunicação. Foi possível observar

diversos pontos semelhantes nas conclusões a que chegam os pesquisadores quando o assunto com que se preocupam é o relacionamento entre violência e meios de comunicação. Primeiro: existe uma relação muito forte entre mídia e violência, tal fenômeno é uma importante fonte de noticiário e faz parte da lógica midiática; segundo: a mídia influencia a interpretação individual acerca da violência através do modo como a representa; terceiro: ocorre uma espetacularização da violência; quarto: o interesse dos meios é que o ser humano consuma violência.

Referências Bibliográficas

- ALMENDRA, Carlos A. da C.; BAIREL, Luzia F. **A violência: realidade cotidiana**. Sociedade e Cultura. Goiânia. v.10, n.2. p. 266-279. 2007.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro. Relume-Dumará, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio: Francisco Alvez, 1975.
- CONTRERA, Malena Segura. **O Pânico na mídia: Violência – uma das manifestações do pânico**. In: Congresso Nacional dos Programas de Comunicação do Brasil. Belo Horizonte, 1999.
- COSTA, Márcia Regina da. **Velhas e novas ordens mundiais: as múltiplas faces do racismo e da violência**. In: PRADO, Maria. L. C; VIDAL, Diana Gonçalves (org). À margem dos 500 anos: Reflexões Irreverentes. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. 2.ed. São Paulo. Annablume, 2008.
- FERNÁNDEZ, Manuel J. **La noción de violencia simbólica en la obra de Pierre Bourdieu: una aproximación crítica**. In: Cuadernos de Trabajo Social. Madrid, v.18, p. 7-31, 2005.
- FREIRE, Silene de M.; CARVALHO, Andreia de. S. **Midiatização da violência: os labirintos da construção do consenso**. Textos e Contextos. Porto Alegre, v.7, n.1, p. 151-164, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo. Revista do Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. **Violência, Direitos e Cidadania**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.100. p. 83-102, 1990.
- . **Comunicação como Encontro**. Bauru. EDUSC, 2006.
- QUADROS, Paulo da Silva. **Ciberespaço e violência simbólica**. Comunicação e Educação. São Paulo, n.21, p. 54-60, 2001.
- ROCHA, Rose de Melo. **Comunicação da Violência**. Desrealização e Perlaboração. In: Congresso Nacional dos Programas de Comunicação do Brasil,

2002.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre. Sulina: Edipucrs, 2002.

___. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.